

A nacionalização que precisa ser mais brasileira

A extração de petróleo da camada do pré-sal abre enormes possibilidades ao Brasil, como já se comentou muito. Algumas brechas relativas às oportunidades de negócios, no entanto, precisam ser revistas para que a empreitada seja realmente, em todos os seus pontos, interessante para o país.

Segundo as regras, a Petrobras precisará adquirir, em volume crescente, peças e equipamentos feitos com um nível de nacionalização também crescente. Por enquanto, porém, a compra de produtos como válvulas, bombas, roscas e cabos de aço têm se dado em grande quantidade não em solo brasileiro. Esses produtos têm vindo principalmente da China. Em alguns casos, os equipamentos são importados e enquadrados como sendo feitos aqui, como atesta documento obtido com exclusividade pelo jornalista Ricardo Rêgo Monteiro. Alguns fabricantes nacionais importam as peças e montam o equipamento em suas unidades. Para alguns, é o único modo de sobreviver no atual cenário.

A Petrobras nega, no entanto, que sua política de investimentos cause déficit à balança comercial do país. Segundo apuramos, a Receita Federal já conversa com a Agência Nacional do Petróleo (ANP) a fim de auxiliar na fiscalização da área.

Criado em 1999 para facilitar a importação temporária de equipamentos para a indústria do petróleo, o Repetro pode ter se tornado uma porta de entrada maior do que a desejada para produtos feitos em outros países, como mostramos nas reportagens a seguir.

A capitalização da Petrobras realizada recentemente, que gerou receita de R\$ 31,9 bilhões, acabou ajudando o governo federal a cumprir a meta de superávit primário programado para este ano. Somados a outros valores arrecadados por exploração de um serviço público, os recursos somam R\$ 42,8 bilhões de 1998 a 2009. A capitalização de setembro, em suma, é igual a 74,4% do que foi arrecadado em 11 anos.

Fonte: Brasil Econômico, São Paulo, 27 out. 2010, Primeiro Caderno, p. 3.